

Artigo original

As bionarrativas sociais como experiências de alianças interespecies: uma reflexão sobre as jabuticabeiras da minha terra

Social bio-narratives as experiences of interspecies alliances: a reflection on the jabuticaba trees of my land

Bio-narrativas sociales como experiencias de alianzas interespecies: una reflexión sobre los árboles jabuticaba de mi tierra

Fábio Augusto Rodrigues e Silva^{1*} 

1. Universidade Federal de Ouro Preto , Ouro Preto, MG, Brasil. * Autor correspondente: fabogusto@gmail.com.

Citação: SILVA, Fábio Augusto Rodrigues e. As bionarrativas sociais como experiências de alianças interespecies: uma reflexão sobre as jabuticabeiras da minha terra. **Revista Triângulo**, v. 18, p. e025023. DOI: [10.18554/rt.v18i.7831](https://doi.org/10.18554/rt.v18i.7831).

Recebido: 01 ago. 2024

Aceito: 23 abr. 2025

Publicado: 09 set. 2025

Resumo: Neste ensaio, são apresentadas ponderações acerca do processo de autoria envolvido na produção de bionarrativas sociais, também chamadas de bionas. Essa produção autoral pode ser entendida como um acontecimento que favorece momentos de aproximação com os territórios e que possibilita uma ação de formação de professores diferenciada. Esse exercício de produção de recursos educacionais sobre elementos da biodiversidade local com características narrativas mobiliza memórias, sentimentos, experiências situadas e diferentes entidades que compõem os ambientes. A partir de uma reflexão sobre duas bionarrativas que abordam as relações entre os seus autores e jabuticabeiras, identifica-se como esses textos explicitam alianças interespecies. Dessa forma, as bionas também podem ser compreendidas como manifestos pelos quais se representam não humanos que exigem os seus direitos e nos ajudam a pensar em como salvar a nossa terra do desabamento.

Palavras-chave: Biodiversidade. Narrativas. Autoria. Recursos educacionais abertos.



Abstract: This essay discusses the process of authorship involved in the production of social bionarratives, also known as bionas. This authorial production can be understood as an event that favors moments of approximation with the territories and enables a differentiated teacher training action. This exercise in producing educational resources about elements of local biodiversity with narrative characteristics mobilizes memories, feelings, situated experiences and the different entities that make up the environments. Reflecting on two bionarratives that address the relationships between their authors and jabuticaba trees, we identify how these texts make interspecies alliances explicit. In this way, bionarratives can also be understood as manifests, representing non-humans who demand their rights and help us think about how to save our earth from collapse.

Keywords: Biodiversity. Narratives. Authorship. Open educational resources.

Resumen: Este ensayo discute el proceso de autoría involucrado en la producción de bionarrativas sociales, también conocidas como bionas. Esta producción autoral puede ser entendida como un evento que favorece momentos de acercamiento con los territorios y posibilita actividades diferenciadas de formación de profesores. Este ejercicio de producción de recursos educativos sobre elementos de la biodiversidad local con características narrativas moviliza memorias, sentimientos, experiencias situadas y las diferentes entidades que componen los entornos. Reflexionando sobre dos bionarrativas que abordan las relaciones entre sus autores y los árboles de jabuticaba, identificamos cómo estos textos hacen explícitas las alianzas interespecies. De este modo, las bionarrativas también pueden entenderse como manifiestos, que representan a los no humanos que exigen sus derechos y nos ayudan a pensar en cómo salvar nuestra Tierra del colapso.

Palabras clave: Biodiversid. Narrativas. Autoria. Recursos educativos abiertos.

1. Um começo...

Nos últimos anos, tenho me tornado um escritor mais autoral. Eu me lembro que as minhas primeiras publicações eram mais engessadas e mais preocupadas em atender algumas condicionantes acadêmicas. Afinal, essas publicações deveriam demonstrar como eu dominava o gênero acadêmico (Marinho, 2010) e poderia ser validado como membro das comunidades de pesquisa em Ensino de Ciências e Biologia. Dessa maneira, essas produções foram importantes para a minha formação como pesquisador e me ajudaram a estruturar os meus projetos e a organizar alguns pensamentos. Entretanto, mesmo em alguns textos em que tenho orgulho por ter desenvolvido um bom manuscrito, percebo uma ausência de componentes da minha personalidade, da minha mineiridade e da minha alegria em compartilhar os meus conhecimentos.

Sim, a mineiridade é algo que valorizo muito, pois essa característica atravessa as minhas experiências como ser humano, filho, irmão, pai, esposo, professor, pesquisador e ainda enquanto narrador de histórias. Quantas vezes, eu me vejo em aulas de estágio ou de outras disciplinas e me identifico narrando situações para ilustrar determinado conteúdo ou apenas para alterar o ritmo, engajar e/ou despertar alguns alunos e alunas. Algo que, com certeza, tem a ver com o meu pai, e outras pessoas de minha família, sempre contando histórias relacionadas aos parentes ou conhecidos de Pains, um pequeno município mineiro.

Muitos mineiros têm uma forma de contar histórias que busca engajar os ouvintes em narrativas, marcadas pelo nosso sotaque que encurta as palavras e que enuncia as frases de maneira prosaica e com certa harmonia. As minhas histórias me enquadram em situações como educador e orientador em diferentes épocas, quando fui professor da Educação Básica, ou são sobre algum fato que aconteceu em uma pesquisa que nós realizamos¹. Portanto, enquanto escrevo este texto, eu me embrenho em uma tarefa acadêmica inerente à minha profissão e à função que desempenho na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), mas me dedico também a construir “uma produção que expresse as marcas ética,

estética e política que compõem um fazer implicado e posicionado no mundo em que vivemos” (Macedo; Dimenstein, 2009, p. 154).

A minha sensibilidade para esse tipo de escrita tem a ver com o encontro com algumas pessoas que o Ensino de Biologia me apresentou. Essas pessoas têm valorizado as minhas contribuições nas discussões, na proposição de ideias e argumentos, na gestão de alguns processos e na possibilidade de questionar o meu papel como professor formador de professores. Esse coletivo é conhecido como Caravana da Diversidade (Kato; Santos, 2019), que começou composto por docentes de muitas universidades públicas, como Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal de Sergipe (UFS), Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), e hoje, devido a mudanças na inclusão e lotação de alguns membros, tem componentes da Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG) e Instituto Federal do Amazonas (IFAM).

Essas pessoas da Caravana da Diversidade gostam de ouvir histórias de pessoas e sobre lugares distantes da academia (Kato, 2020), inclusive as minhas histórias, ou causos, como todo mineiro gosta de frisar. Os causos, por vezes, são engraçados, mas também já contei alguns que são permeados por dramas que ouvi falar, presenciei ou registrei com as minhas alunas e alunos (Paixão; Silva; Toledo, 2020; Silva; Marcos, 2024), em pesquisas de mestrado voltadas para as questões socioambientais ou sociotécnicas relacionadas à mineração e seus crimes em nosso território, a Região dos Inconfidentes ou do Quadrilátero Aquífero Mineiroⁱⁱ.

Essas pessoas são pesquisadoras de vários Estados de nosso País – “tudo douto” –, professores/as de universidades públicas e docentes que compartilham esse desafio de formar professores que irão atuar na Educação Básica e que ensinarão Ciências e Biologia. Falando agora em nome desse coletivo, afirmo que nós nos preocupamos com um ensino da vida e sobre vida que não se restringe ao desenvolvimento de competências e habilidades definidas por uma Base Nacional Curricular Comum (BNCC) (Brasil, 2018).

Afinal, como eu posso dizer: “Essa base não tem base, não sô!” A BNCC, construída em um período de turbulências políticas, sociais e econômicas, na segunda metade da segunda década do século XXI, excluiu vozes, movimentos e sujeitos que trazem e traziam contribuições que poderiam produzir um documento mais inclusivo, democrático e que valorizasse a diversidade que permeia o nosso País e, por consequência, as salas de aula de nossas escolas (Mattos; Tolentino-Neto; Amestoy, 2021).

Devido aos nossos compromissos políticos, a nossa luta por existência e de resistência nos exige um posicionamento contra esse silenciamento e opressão. Portanto, procuramos por fissuras curriculares para que algumas sementes sejam plantadas e que se germine algo mais do que o atendimento a um padrão curricular. E neste texto, eu vou plantar uma semente de uma fruta, uma jabuticabeira. Mas, peço um pouco de paciência aos leitores e leitoras, pois preciso preparar o solo para receber essa semente.

2. A caravana da diversidade e as bionarrativas sociais

Como mencionado anteriormente, a Caravana da Diversidade surgiu a partir de um acontecimento associado a pessoas que se dedicam à formação de professores de Biologia, oferecendo disciplinas, desenvolvendo e participando de projetos de extensão e de pesquisa. Algo que nos incomodava era que avaliávamos as nossas práticas estavam distanciadas dos nossos territórios.

Em nossas conversas iniciais, escolhemos como ponto inicial de nossas iniciativas a biodiversidade, um conceito muito importante para a Biologia. Entretanto, apesar de os currículos escolares o limitarem a definições restritas ou a conteúdos puramente descritivos, esse conceito se disseminou nas últimas décadas e passou a agregar novos significados: estéticos, filosóficos, morais, éticos etc. (Motokane; Kawasaki; Oliveira, 2010).

A partir dessa escolha, consideramos as nossas origens e nossos atuais espaços de atuação profissional, e nos identificamos como professores e sujeitos que residem e atuam em diferentes biomas brasileiros: da floresta amazônica aos pampas; do cerrado à caatinga; do pantanal à mata atlântica. Em nossos territórios, diferentes formas de vida e de viver são encontradas e movimentam as nossas relações socioambientais e socioculturais. Porém, observamos que os animais, plantas e outros seres vivos e as diferentes maneiras de existir e de se relacionar com o meio e de compreender a vida de nossos territórios não encontram espaços ou fissuras para adentrar as nossas salas de aula, seja do Ensino Superior ou da Educação Básica.

Em busca de construir uma ação formativa diferenciada, nós nos reunimos em Manaus em 2018 e começamos a desenvolver um processo de escuta mais ativa dos sujeitos presentes em nosso encontro. Algo bem intuitivo e de muito estranhamento. Era perceptível que tínhamos muitas dificuldades para estabelecer uma interação mais dialógica com os participantes do encontro – alunos e alunas de cursos de graduação e pós-graduação da UFAM. Mesmo sendo um grupo composto por estudantes de cursos semelhantes aos que nós lecionamos em nossos territórios, não conseguíamos estabelecer um diálogo. Recebíamos respostas lacunares, tímidas, evasivas. Graças a uma farinha de Uarini – um tipo de farinha amarela e de grãos ovais –, que rodava nas mãos de cada participante, encontramos um tema que nos conectou e mobilizou todo o grupo em uma discussão que nos levou às cidades ribeirinhas e às casas de farinha do Amazonas.

Tínhamos uma semente de um processo formativo sensível à diversidade cultural que não se estabelece

pela assimilação ou integração do 'Outro' à cultura hegemônica. Trata-se do interconhecimento, um bem em si mesmo para constituição de uma sociedade que se reconheça em sua diversidade. Se pensarmos a educação como ação, inevitavelmente haverá uma relação bem mais íntima com a palavra cultura. Não somente os conhecimentos, experiências, usos, crenças, valores, a serem transmitidos ao indivíduo, como também os aspectos dialógicos que promovem a construção de cruzamentos culturais em prol da construção de um 'espírito comunitário' a partir de cada localidade (Kato; Santos, 2019, p. 348).

Voltamos para as nossas universidades, para as nossas aulas, e desenvolvemos novas oportunidades para a mobilização de nossos estudantes, de seus saberes e territórios, e as materializamos em produções escritas multimodais. Em minhas aulas de estágio e de uma disciplina da pós-graduação sobre biodiversidade, as alunas e alunos se empenharam na escrita de histórias infantis, poesias, cordel, jornais e histórias em quadrinhos e na produção de vídeos ou *podcasts*.

A produção autoral, que era um objetivo das atividades propostas aos estudantes, se consolidou em um movimento mais sensível e sensibilizador. Para alguns desses estudantes, essas produções possibilitaram um tempo e um espaço para uma visita ao passado, para o encontro com memórias que são atravessadas por pessoas queridas, seres vivos, tempos, sentimentos e experiências que estão intimamente associadas a um viver em suas cidades, bairros ou locais em que tiveram contato com a biodiversidade e práticas que estão relacionados à existência e convivência (Silva, 2020, 2022, 2024). São produções que movimentaram para as nossas aulas: morros, unidades de conservação, animais

vertebrados e invertebrados, plantas, pratos típicos, manifestações culturais, saberes e ancestralidades. E mais do que um recurso educacional, a produção desses materiais autorais se constituiu em um acontecimento, um recorte no tempo e no espaço de um processo de formação docente, “um processo em que se narra sobre o que se passou, o que nos comoveu em nossas vidas (Lima; Geraldi; Geraldi, 2015, p. 29)”, um momento irrepetível. Um momento que nos permite mobilizar memórias, saberes e conhecimentos sobre a vida e da vida.

Como somos biólogos, sempre preocupados em denominar as entidades do mundo, chamamos as produções autorais de nossos alunos e alunas de bionarrativas sociais ou bionas. Nas reuniões ou encontros da Caravana, temos discussões sobre o que são as bionas. Afinal, precisamos de definições mínimas, pois nem toda produção de um recurso didático pode ser caracterizada como tal.

As bionas são produções narrativas diversas e digitais que exploram e dão emergência a elementos de nossa sociobiodiversidade. Uma biodiversidade que nos constitui e se constitui em nossas relações e que se atualiza em nossas lembranças e na forma como produzimos conhecimentos biológicos. Esse processo de produção nos propicia superar uma ideia de purificação defendida pelos Modernos, que Latour (1994) define como aqueles que fazem um esforço para estabelecer fronteiras entre a “sociedade” e “natureza”. Tentamos demonstrar a artificialidade desses limites, evidenciando como somos conectados aos outros seres vivos e aos ambientes e que a nossa sobrevivência está atrelada ao processo de nos aterrar (Latour, 2020).

Para Latour (2020), considerando tempos de mutações climáticas e grandes desafios, ou de policrises (van Breda, 2007), precisamos nos orientar para o terrestre, o terreno e os territórios. Precisamos defender as nossas “terras”, pois

(...) dizer que a Natureza está em risco é muito menos efetivo do que dizer a alguém que sua terra está por desabar. Essa segunda afirmação é muito mais visceral. E, portanto, é a nossa busca por poder aterrar de forma segura nos diferentes cantos do mesmo mundo que deve nos unir (Lima; Nascimento, 2021, p. 9).

Todavia, discordando de Latour (2020) e concordando com Lima e Nascimento (2021), não acreditamos que o Norte global pode nos orientar em soluções e estratégias para evitar o “desabamento” de nossas terras. E nesse sentido, tenho buscado outras referências do Sul global, das quais, neste encontro, destaco alguns argumentos de Malcolm Ferdinand (2022) quando propõe uma ecologia decolonial.

Ferdinand (2022) estabelece os seus argumentos a partir de um estudo sócio-histórico e ambiental, utilizando o mundo caribenho que lhe permite destacar a dupla fratura colonial e ambiental da modernidade. Ele nos convida a superar essa fratura, considerando que não podemos desconhecer que muitos problemas ambientais, étnico-raciais e de gênero têm a sua origem e perpetuação no empreendimento colonial que as metrópoles submeteram ao Caribe e ao restante das Américas. Um empreendimento que instaura um novo modo de habitar a terra, o habitar colonial.

Temos, portanto, práticas, ações, políticas e discursos que subordinam uma terra que é subordinada a outro lugar, a metrópole colonizadora; a redução da terra que passa a atender fins comerciais e perde o seu caráter matricial; e o altericídio que conduz a negação, destruição e dominação do outro, nesse caso, os povos originários, os negros escravizados, desterrados e as mulheres. Altericídio que produz seres humanos com pertencimentos ancestrais e comunitários fragmentados e sem uma relação com a terra em que sobrevivem, mas não habitam.

O habitar colonial silencia quem sofre, humanos e não humanos, e reduz as nossas relações com o mundo aos interesses capitalistas, subordinando-os aos interesses do colonizador. Na perspectiva de Ferdinand (2022, p. 34):

A urgência de uma luta contra o aquecimento global e a poluição da Terra insere-se na urgência das lutas políticas, epistêmicas, científicas, jurídicas e filosóficas, visando desfazer as estruturas coloniais do viver-junto e das maneiras de habitar a Terra que mantêm as dominações de pessoas racializadas, particularmente das mulheres, no porão da modernidade.

Entre as várias propostas para superar essa dupla fratura, destaquei uma, que percebo e que muitas bionarrativas parecem ecoar, que é a constituição de alianças interespecies. Ao se propor a construir uma nova ecologia, é necessário considerar os humanos, de diferentes pertencimentos, e os não humanos, em sua toda sua possibilidade de agência e de nos afetar, expandindo os nossos corpos, um corpo mais sensível, e possibilitando nos articular mais aos nossos ambientes (Latour, 2007; Souza et al, 2022). Essa forma de preservação do mundo determina também que sejamos representantes e porta-vozes dos não humanos, que necessitam que exijamos os seus direitos e as suas possibilidades de existência.

Nesse contexto, quando um grupo de licenciandos gaúchos que nos apresenta em uma bionarrativa o tuco-tuco, um roedor característico do litoral norte do Rio Grande do Sul, podemos conhecer mais acerca da biodiversidade do lago/rio Guaíba, mas também sobre a especulação imobiliária que ameaça o seu habitat e que pode levá-lo à extinção. Em uma narrativa, em que os autores criaram um personagem animal, emerge um discurso crítico ao processo de urbanização e exploração da terra como bem privado e que ameaça a região litorânea daquele território (Kato; Vale; Hoffmann, 2021). Esse recurso lúdico, talvez, foi pensado para engajar pessoas interessadas em boas histórias, mas também pode ser compreendido como um processo de autoria construída na relação ou na ação com os não humanos, o que nos possibilita a sensibilização para o que pode nos afetar e nos reconectar com uma terra matricial, quem sabe.

E se Ferdinand (2022) defende essa aliança a partir da defesa da causa animal, eu escolhi as plantas, uma bem específica, que já enunciei na introdução: a jabuticabeira.

3. As bionarrativas como possibilidades de alianças interespecies

As jabuticabeiras estão sempre presentes nas memórias de pessoas que viveram as suas infâncias no interior mineiro. Encontradas nos nossos quintais ou dos vizinhos, essas árvores nos fornecem frutas deliciosas, saborosas, e a experiência de subir em seus galhos e desbravar as suas copas. Elas estão presentes nas receitas familiares para geleias, licores e até cervejas. As frutas são temas de festivais e movimentam as economias locais. Tal qual as goiabeiras, essas plantas frutíferas estão integradas às comunidades e não apenas compondo uma paisagem, mas construindo práticas culturais, alimentares, econômicas e afetivas.

A minha questão é: “Por que as jabuticabeiras não estão presentes nas aulas de Ciências e Biologia, uai?” Uai, estamos sempre verbalizando que a contextualização, ou trazer as experiências dos estudantes para as aulas, é primordial para os processos de ensino e aprendizagem. Defendemos que uma ação educativa mais situada a partir de casos com maior autenticidade tem maior potencial para engajar os sujeitos em pensamentos e práticas associadas à construção do conhecimento (Festas,

2015). Estamos falando que o contexto não pode ser apenas um pano de fundo, como uma estratégia para facilitar o ensino, mas como uma abordagem que visa “encorajar os alunos a relacionar suas experiências escolares em ciências com problemas do cotidiano” (Santos, 2008, p. 5). Então, “por causa de quê” não utilizar as árvores de nossos quintais e de nossas lembranças não nos ajudam a entender o nosso ambiente e os seres vivos que nos rodeiam?

“Trem esquisito, sô!?” Em nossas aulas, chamamos atenção para a impercepção botânica (Ursi; Salatino, 2022)ⁱⁱⁱ, mas não aproveitamos as plantas e as árvores do nosso convívio? Por que não promover uma pedagogia ou biologia do quintal? O quintal de nossas avós, das nossas vidas ou das nossas férias nas casas de nossos parentes, de nossas memórias e territórios vivenciais e afetivos. “Tá bão”, a jabuticabeira não é uma planta modelo, tem certa excentricidade, é uma angiosperma com uma anatomia peculiar. “Mas aí que tá, né!?” Queremos abordar a diversidade que é inerente à vida, às irregularidades que fazem cada ser vivo singular.

As jabuticabeiras são do gênero *Myrciaria*. E, não! Elas não só encontradas no Brasil e podem ser encontradas em toda a América Latina (Vilela, 2009). É uma planta de desenvolvimento lento, de oito a dez anos para iniciar a produção de suas delícias, os seus frutos negros, esféricos, doces, suculentos, repletos de ferro, cálcio, fósforo, potássio, fibras e vitamina C (Souza *et al.*, 2021). Huuuum, a minha boca encheu de água agora. Árvore de grande valor estético, com copa muito ramificada e com as flores pequenas e brancas, e que darão os frutos que emergem de seus troncos, as nossas queridas “*iapotikaba*”, como denominadas pelos tupis (Andrade, 2022).

Uma planta que tem a sua produção extremamente relacionada ao período das chuvas no território mineiro. Nós já sabemos: se chover bem no ano, teremos grande quantidade de frutos; se não chover, os frutos serão poucos, pequenos e não tão saborosos (Semensato *et al.*, 2020). Ou seja, além de suas características peculiares que mostram uma angiosperma diferente do modelo tradicional de planta, temos uma árvore que nos permite entender o nosso ambiente.

Uma planta que nos propicia perceber como estamos alterando as condições ambientais de nossos territórios. Mais um elemento que nos propicia transformar as nossas práticas de ensino, aliando-nos a uma espécie originária de nosso subcontinente (Ferdinand, 2022). E como essa espécie tem aparecido nas produções de meus alunos e alunas?

Na produção de um texto de divulgação científica para a disciplina de estágio, meu aluno Breno Felisberto nos apresentou a seguinte história:

De onde será que veio a jabuticaba? É jabuticaba mesmo ou jaboticaba? Me lembro bem dos alertas da minha avó sobre essa frutinha maravilhosa, mas sempre engolia o caroço. E todo fim de ano era a mesma coisa, era só começar a chover, que sumia todo mundo pro quintal... E para avó, tirar menino do pé de jabuticaba para almoçar, era difícil que só! Diz que o nome é por causa de jabuti, mas nunca vi jabuti subir em árvore, deve ser história de índio, vai entender. Mas de onde é que veio? Quem será que deixou a sementinha? Quem inventou esse negócio foi caprichoso! E pra sorte nossa, largou bem aqui na Mata Atlântica! Mata quem? Mata ninguém... Só atlântica mesmo, por causa do mar. Mata Atlântica, nome de floresta, tipo aquela Amazônia que pega fogo todo ano, mas ninguém vai lá pra resolver... Só sei que lá no quintal tinha um monte, e todo mundo gosta. Mas tinha uns pés que eram proibidos, meu avô não deixava subir de jeito nenhum. Dizia que era pra fazer coisa de beber, na hora eu delirava: ‘É vitamina vô!?’ Tipo de abacate? Ou suco? Mas como que tira o caroço!? ‘Sai pra lá menino, é coisa de adulto, depois sua avó te dá geleia, agora deixa eu trabalhar!’ Aí é que eu não entendia nada mesmo, tem nome de jabuti, é fruta que dá no pé, vira bebida de gente grande, e ainda tem geleia. Um dia não aguentava mais, perguntei pra professora. Ela me explicou que

com jabuticaba dá pra fazer um monte de coisa, cada uma de um jeito diferente, geleia, suco, licor, vinho e vinagre, e que para criança só a geleia mesmo. E vinagre é para salada. O resto deixa tonto e não pode pra criança, que nem as pinga do tio. Uma vez minha garganta doeu pra caramba, acordei sem querer comer nada, nadica! Minha avó mandou chupar uma sacola cheinha de jabuticaba, e me entregou um caneco pra jogar as cascas, disse que ia fazer chá. Descobri que fui enganado, o chá era para mim, ganhei as jabuticabas pra ficar buchechando esse trem. Mas minha garganta logo logo melhorou. Avó me disse que era porque, além de gostosa, jabuticaba faz bem pra saúde, ainda resolvia dor de barriga e asma. Fui na internet e descobri que tem um monte de vitamina também, e ainda uns tal de antioxidantes que são muito bons pra gente. Não sei como ainda não deram nome de herói pra ela. Mas tem lugar que faz festa. Meu avô mesmo pegou o vinho que fez com um tal jeito chamado fermentação, levou pra Cachoeira do Campo para festa da jabuticaba e voltou com um dinheirão. Falou que conheceu um monte de gente e que dá para fazer de tudo com jabuticaba! Até farinha. Fico triste é que as mais gostosas de comer no pé só têm no fim do ano mesmo. Minha avó fala que é porque jabuticabeira ama água! Só com muita chuva pra fruta ficar gordinha e docinha. Meu avô quis cortar um pé para fazer cerca, diz que é madeira boa, resistente. Mas minha avó brigou: 'vai cortar nada não, pra gente serve muito mais que fazer cerca, quer fazer cerca? Vai cortar eucalipto! Se menino tiver dor de barriga, esse não serve para nada...'

Em sua narrativa, Breno nos traz as jabuticabeiras, o seu avô e sua avó e os saberes mobilizados nas suas relações de ancestralidade que têm como cenário o quintal da família. As jabuticabeiras da família de Breno são fonte de alimentos e de renda, de matérias-primas para a produção de alimentos, remédios naturais e bebidas alcoólicas. São motivos para interdições para uma criança, mas também para estabelecer um diálogo mais genuíno com a professora.

E olha o que eu falei sobre como se aliar às jabuticabeiras nos permite perceber o ambiente de forma mais articulada: *"Fico triste é que as mais gostosas de comer no pé só têm no fim do ano mesmo. Minha avó fala que é porque jabuticabeira ama água! Só com muita chuva pra fruta ficar gordinha e docinha"*. E observe a aliança entre o ser humano e essa planta tão querida que impede o seu corte: *"Meu avô quis cortar um pé para fazer cerca, diz que é madeira boa, resistente. Mas minha avó brigou: 'Vai cortar nada não, pra gente serve muito mais que fazer cerca, quer fazer cerca? Vai cortar eucalipto! Se menino tiver dor de barriga, esse não serve para nada...'"* A avó se levanta como uma porta-voz da jabuticabeira, defende a sua sobrevivência e se envolve em uma pequena batalha contra o habitar colonial que é pensado como: "desbravar, habitar é abater a árvore. Somente a partir do momento em que a árvore é abatida, o habitar colonial começa" (Ferdinand, 2022, p. 52).

Outra bionas foi produzida pela aluna Victória Pedrosa e intitulada "A casa da minha jabuticabeira"^{iv}. Em seu texto, Victória nos conta a história de sua família e a jabuticabeira:

Olá, eu sou Victória, moro com minha família em um distrito de Ouro Preto/MG, chamado Cachoeira do Campo. Hoje vou contar a minha história e a da minha família com a jabuticaba e com uma árvore em especial. [...] Uma árvore pode contar diversas histórias, a minha começou antes mesmo de eu nascer, quando meus pais decidiram comprar um terreno para construir uma casa. Havia diversas árvores de jabuticaba e uma delas bem no meio do terreno. Ao começarem a construção, o projeto da casa foi feito de forma que não fosse preciso derrubar essa árvore de jabuticaba. Meus pais gostaram e assim foi feito. Nossa casa foi construída. Alguns anos depois, eu já nascida, nos mudamos para nossa casa e meus pais contaram essa história. Todos os dias subimos e descemos a escada diversas vezes e a árvore de jabuticaba está bem ao lado. Passamos por ela observando todas as suas fases nas diferentes estações do ano, aproveitamos a

sombra que ela nos dá, desfrutamos da jabuticaba que dá para ser chupada sem precisar subir no pé, fazemos muita geleia e licor ou só ficamos observando sua beleza. Durante o período de florada, as abelhas aparecem e um cheiro doce se espalha pelo ar junto com o zumbido das abelhas. Acompanhar o desenvolvimento das flores até a formação da fruta madura é lindo de se ver tão de perto. É como uma magia da natureza. Muitos anos depois, surgiu a necessidade de expandir a casa e pensaram em derrubar a árvore. Foi uma certa confusão, casa cheia, muitas opiniões. Mas o apego era tão grande que não conseguimos derrubar nossa árvore, que ficou ainda mais perto de nós. Basta sair na área e já vimos ela, enorme, linda, nos deliciando com jabuticaba docinha. Diversos animais vêm desfrutar das jabuticabas, principalmente as maritacas, que fazem a farra e nos deixam com a beleza da presença delas bem de perto. Eu não disse que o pé de jabuticaba tem uma casa? A casa da minha jabuticabeira.

Novamente, temos uma aliança entre os seres humano e a jabuticabeira explicitada em uma narrativa. Afinal, como é mencionado nesse texto: *“Uma árvore pode contar diversas histórias”*. Ao assumir a voz de uma árvore, uma serra, uma lagoa, um rio, ou estabelecer diálogos com essas entidades que atravessam gerações, estamos nos dedicando a reconhecer os elementos de nossos territórios, seres que nos constituem e se constituem em nossas relações (Dantas; Costa, 2024). Ou seja, possibilita nos aterrar (Latour, 2020).

Ao aterrar, podemos lutar contra o habitat colonial, como nos mostra a bionas acima, a terra, ou o terreno da família, passou a ser dividida com as jabuticabeiras que têm os seus direitos entendidos e respeitados e fazem parte do projeto arquitetônico da residência, das discussões da família quanto à reforma, dos momentos de lazer e de saborear as delícias. Uma aliança que favoreceu outras espécies, como abelhas e outros animais que se alimentam dos frutos das jabuticabeiras. Mais do que uma narrativa, o texto de Victória pode ser compreendido como um tratado de paz. Afinal *“o apego era tão grande que não conseguimos derrubar nossa árvore, que ficou ainda mais perto de nós”*.

4. Para pensarmos mais um cadiquim...

E agora: fui convincente? É possível para você, minha cara ou meu caro leitor, levar as jabuticabeiras para as suas aulas de Biologia? Se bem que também ficarei feliz se levar as goiabeiras, as juçaras, as pitangueiras, as palmas e os umbuzeiros entre outras plantas de nossos biomas. À medida que for levando essas árvores, escolha também alguns animais de nossas localidades, dos botos às antas, às tanajuras e às jataís. Abra também as aulas para os saberes dos avós, dos povos originários, dos quilombolas e dos sábios que observam as flutuações das nuvens, das temperaturas, das épocas de plantar e de colher.

Ah, é o currículo! Afinal, já temos tantas coisas para ensinar. Entretanto, estamos ensinando mesmo ou apenas reproduzindo um modo de colonizar corpos e mentes que nos alienam das nossas relações ancestrais e de pertencimento? Será que a Biologia que estamos desenvolvendo em nossas aulas não mantém as bases do habitat colonial e nos afasta da compreensão da inter-relação intrínseca entre as questões ambientais e étnico-raciais?

Talvez, seja a hora de aproveitar aquela brecha do calendário escolar, um momento de liberdade para envolver os nossos alunos e alunas em atividades nas quais se escutem as suas vozes e de outros seres vivos. Envolvê-los em atividades de produção de textos autorais sem amarras dos gêneros acadêmicos. Pelas bionarrativas de meus estudantes e de estudantes de meus colegas da Caravana, eu já ouvi que plantas, morros, animais e rios podem nos ajudar a perceber a biodiversidade de nosso País em produções sensíveis e sensibilizantes, e, talvez, descolonizadoras.

Referências

ANDRADE, Gabriela Borges de. **Uso de diferentes metodologias na secagem da jabuticaba e seus impactos nos compostos bioativos**. 2022. 134 f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Alimentos) – Universidade Federal de Uberlândia, Patos de Minas, 2022.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**: Educação é a Base, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 14 jul. 2024.

DANTAS, Luis Thiago Freire; COSTA, Igor Lorra Pereira. O que Watu nos diz? Vitalizar nossa habitação na Terra. **Profanações**, v. 11, p. 76-96, 2024.

FERDINAND, Malcom. **Uma ecologia decolonial**: pensar a partir do mundo caribenho. São Paulo: Ubu, 2022.

FESTAS, Maria Isabel Ferraz. A aprendizagem contextualizada: análise dos seus fundamentos e práticas pedagógicas. **Educação e Pesquisa**, v. 41, p. 713-727, 2015.

KATO, Danilo Seithi (Org.). **Bionas para a formação de professores de Biologia**: experiências no observatório da educação para biodiversidade. São Paulo: Livraria da Física, 2020.

KATO, Danilo Seithi; SANTOS, Adriana Araujo Pompeu Piza. “Cadê a puba?”: por uma formação intercultural de professores de Biologia em uma comunidade amazônica. **EDUCA –Revista Multidisciplinar em Educação**, v. 6, n. 16, p. 344-363, 2019.

KATO, Danilo Seithi; VALLE, Mariana Guelero; HOFFMANN, Marilisa Bialvo. Caravana da diversidade: o processo de mediação para a produção de recursos educacionais abertos sobre a biodiversidade. **Interfaces da Educação**, v. 12, n. 35, p. 206-231, 2021.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. São Paulo: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno. Como falar do corpo: uma dimensão normativa nos estudos da ciência. In: NUNES, João Arriscado; ROQUE, Ricardo (Org.). **Objetos impuros**: experiências em Estudos Sociais da Ciência. Porto: Edições Afrontamento, 2007, p. 39-69.

LATOUR, Bruno. **Onde aterrar?**: como se orientar politicamente no antropoceno. Rio de Janeiro. Bazar do Tempo Produções e Empreendimentos Culturais Ltda., 2020.

LIMA, Maria Emília Caixeta de Castro; GERALDI, Corinta Maria Grisolia; GERALDI, João Wanderley. O trabalho com narrativas na investigação em educação. **Educação em revista**, v. 31, n. 1, p. 17-44, 2015.

LIMA, Nathan Willig; NASCIMENTO, Matheus Monteiro. Aterrando no Sul: uma proposta político-epistemológica para a área de educação em ciências do Antropoceno. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 27, p. e21041, 2021.

MACEDO, João Paulo; DIMENSTEIN, Magda. Escrita acadêmica e escrita de si: experienciando desvios. **Mental**, v. 7, n. 12, p. 153-166, 2009.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 10, p. 363-386, 2010.

MATTOS, Kéli Renata Corrêa; TOLENTINO-NETO, Luiz Caldeira Brant; AMESTOY, Micheli Bordoli. Produção de Texto da Base Nacional Comum Curricular e o Posicionamento da Área das Ciências da Natureza. **Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar**, v. 7, n. 20, p.266-281. 2021.

MOTOKANE, Marcelo T.; KAWASAKI, Clarice S.; OLIVEIRA, Leonardo B. Por que a biodiversidade pode ser um tema para o ensino de Ciências? **Olhares sobre os diferentes contextos da biodiversidade: pesquisa, divulgação e educação**, v. 1, p. 31-59, 2010.

PAIXÃO, Marielze Pinto; SILVA, Fábio Augusto Rodrigues; TOLEDO, Evelyn Jeniffer de Lima. O saneamento básico como tema para a produção de vídeos: uma atividade para a educação em direitos humanos. **REPPE – Revista de Produtos Educacionais e Pesquisas em Ensino**, v. 4, n. 2, p. 106-128, 2020.

SANTOS, Wildson Luiz Pereira dos. Contextualização no ensino de Ciências por meio de temas CTS em uma perspectiva crítica. **Ciência & Ensino**, v. 1, p. 1-12, 2008.

SEMENSATO, Leandra Regina *et al.* Fenologia, produtividade e qualidade de frutos de jabuticabeiras de diferentes idades das plantas. **Iheringia, Série Botânica**, v. 75, p.1-9, 2020.

SILVA, Fábio Augusto Rodrigues. Autoria de bionarrativas sobre a biodiversidade da Região de Inconfidentes: experiências na formação inicial de professores de Biologia. In: KATO, Danilo Seithi (Org.). **Bionas para a formação de professores de Biologia: experiências no observatório da educação para a biodiversidade**. 1. ed. São Paulo: Livraria da Física, 2020. v.1., p. 101-116.

SILVA, Fábio Augusto Rodrigues. Caravana da diversidade donde qui vem este trem? São fi de quem? In: PAGAN, Alice Alexandre; WARTHA Edson José (Org.). **Encontros, influências e inspirações na formação de professores-pesquisadores de Ciências**. 1. ed. Uberlândia: Navegando Publicações, 2022. v. 1, p. 109-124.

SILVA, Fábio Augusto Rodrigues. Vamos falar de vida na Biologia? Um convite para abrir as nossas aulas ao que nos cativa. **Arété**, Manaus, v. 23, p. e24024, 2024.

SILVA, Fábio Augusto Rodrigues; MARCOS, Regiane Teixeira. Narrativas no ensino de Ciências: histórias de atingidos pelo crime socioambiental da Samarco. **Experiências em Ensino de Ciências**, v. 19, n. 1, p. 62-74, 2024.

SOUZA, Leandro de Aguiar. Do Quadrilátero Ferrífero ao Quadrilátero Aquífero: territorialidades conflitantes na produção de um espaço social extensivo à Região Metropolitana de Belo Horizonte-MG. **Geousp**, v. 25, p. e188865, 2021.

SOUZA, Ludmila Olandim de. A aprendizagem enquanto afetação do corpo: primeiras aproximações ao estudo de práticas de divulgação científica para o público infantil. **Ciência & Educação**, Bauru, v. 28, p. e22043, 2022.

SOUZA, Pedro Henrique Magalhães *et al.* Caracterização de frutos de jabuticaba “sabará” provenientes da Região de Jataí-GO. **Revista Brasileira de Agropecuária Sustentável**, v. 11, n. 1, p. 78-85, 2021.

VAN BREDA, John. Towards a transdisciplinary hermeneutics. **The global spiral e-journal**, v. 8, n. 3, 2007. Disponível em <http://www.learndev.org/dl/BtSM2007/JohnVanBreda.pdf>. Acesso em: 25 fev. 2022.

URSI, Suzana; SALATINO, Antonio. Nota Científica – É tempo de superar termos capacitistas no ensino de Biologia: impercepção botânica como alternativa para “cegueira botânica”. **Boletim de Botânica**, v. 39, p. 1-4, 2022.

VILELA, Regina Célia Freitas. **Biologia reprodutiva e diversidade genética em jabuticabeiras (*Myrciaria Spp.*, *Myrtaceae*)**. 2009. 93 f. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Biomonitoramento).- Instituto de Biologia da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia, 2009.

Contribuição dos autores: Os autores contribuíram com a elaboração da fundamentação teórica, estruturação do artigo, pesquisa, análise e descrição dos resultados e revisão do manuscrito.

Conflitos de interesse: Os autores declaram que não há conflitos de interesse.

Notas

ⁱ Ressalto o caráter coletivo das pesquisas das quais participo como orientador e só foram possíveis pelo comprometimento de vários alunos e alunas da graduação ou do mestrado.

ⁱⁱ Utilizo o termo Quadrilátero Aquífero Mineiro em substituição ao termo mais comumente usado “Quadrilátero Ferrífero Mineiro”, considerando a sobreposição entre as jazidas de minério de ferros e os reservatórios e áreas de recarga aquífera existentes nessa região. A mudança nessa representação pode nos ajudar em uma compreensão da necessária luta para produção, fornecimento e conservação das águas em oposição à valorização e expansão da atividade minerária que marca a história de nossa região (Souza, 2021).

ⁱⁱⁱ URSI e Salatino (2022) nos propõem superar o termo “cegueira botânica” para evitarmos um vocábulo capacitista. Continuamos considerando que os seres humanos priorizam informações do ambiente associadas aos seres que se movimentam e que representam perigo. Dessa forma, desconsideramos as plantas associando apenas aspectos da paisagem de nossos territórios, o que nos impede de percebermos a sua presença e compreendermos as interações estabelecidas desses seres vivos com todos os outros que compõem os nossos biomas.

^{iv} A bionas completa da Victória pode ser acessada no *link*
<https://bionarrativassociais.wordpress.com/2021/11/08/652/>